

*ASAS, PAREDES FINAS, RESTOS DE COZINHA*

A única coisa que não se movia naquela manhã de imenso vento era o monstruoso guindaste do cais. Fôra ali colocado para a ampliação do porto. Durante um longo período de obras conduziram-no ao longo de dois espaçados carris, sobre os quais assentavam quatro sólidas pernas erguendo-se de grandes sapatas que ocultavam rodas. Parecia um grande insecto suspenso na ferrugem de vasto corpo de ferro. O vento que se levantara tudo parecia querer transportar pelos ares; a estrutura do guindaste permanecia inalterável.

À distância, sobre as areias da praia, via-se qualquer coisa escura que avançava lentamente, forçando o vento. Não passava de um ponto negro. Quando se aproximou do esqueleto de um barco abandonado, percebeu-se então que o ponto escuro tomado à distância pertencia a duas pessoas.

No desenho que os seus corpos iam deixando na areia distinguia-se que havia neles uma grande vitalidade. O avanço e recuo que os seus passos foram deixando, dava-os, como alguém que caminhava com indiferença ao vento e às areias levantadas em redor. Cabelos, bocas, ouvidos estariam sob um ataque fortíssimo de areia. Os olhos só aos poucos se abriam para furtivamente delinearem a orientação dos próximos e forçados passos. Doíam-lhes no esforço da visão, sob o peso de mínimas areias que forçavam a barreira das pálpebras e pestanas. Calças de bombazina, botas de caça e botins de borracha, grossas camisolas de lã davam-lhes uma

relativa protecção dos corpos. Iam-se tornando mais nítidos na proximidade do mar e dunas. Eram dois sólidos e secos corpo; vivos, coloridos nas peças de vestuário escolhidas.

Deixaram-se cair ao lado do barco abandonado. Ficaram recolhidos sob o inclinado bojo. Um intenso cheiro a sal e a madeira impregnada de alcatrão envolveu-os. Sequer alguma gaivota cortava a vizinhança da embarcação. O vento, as areias batendo no que restava do costado do barco, eram a assistência oferecida à teimosia daquele passeio.

Tornava-se visível que tinham discutido; e como quem quisera libertar-se de um caminhar exaltado, deixaram-se cair sob a protecção do barco. Um deles, depois de golpear a areia com uma das mãos tentando estabelecer um corte que, a cada momento, a própria areia fechava, pôs-se a atirar seixos — havia bastantes sob a ruína do barco —, em direcção à linha do mar. O outro arregaçou as mangas da grossa camisola.

Rostos e olhos perderam a intensidade que os marcou durante a aproximação dos seus passos, durante a marcha contra o vento. Discutiram; e, aos poucos, a profundidade que o olhar encontra durante uma brusca disputa verbal, dera lugar a uma apatia que traz consigo a transparência de uma visão distante. O acto de escavar a areia e estabelecer um túnel, um subterrâneo que conduzisse a água do mar a um pequeno lago, deveria ter alguma coisa a ver com a mansidão do olhar que entre eles se instalou. E semelhante a qualquer criança, no pequeno lago alimentado pela água vinda do mar através de escavado do túnel, uma torre de castelo dominaria. Pelo menos fôra desse modo na infância de um deles; ou na dos dois, por certo.

Com grande automatismo ambos removiam as areias, como quem procura uma pedra sinalizando a presença de um tesouro. Um vidro de garrafa de um baço opalino, arredondado, bem poderia ser a chama adormecida de um despertado tesouro. Mas não, tudo não passava de um desencadeado universo infantil a partir de um descolorido vidro de garrafa.

Um deles caíra, sob o abrigo do barco, em total silêncio. O outro acompanhara-o e ficara pensando inesperadamente no seu tempo de professor. Quando, um dia, a caminho das aulas, descobrira na

Rua da Atalaia uma misteriosa figura. Era inverno e ia sempre a passos rápidos. Por detrás de uma varanda via muitas vezes uma mulher sob a luz impressa pelos vidros. Ela tinha a tonalidade deste pequeno vidro encontrado agora na areia e a palidez mate dos seixos trabalhados pela perfeição das ondas.

No seu imaginário sempre a tratou como se fosse uma reencarnação da deusa indiana Laksmi; sempre a considerou como um produto indo-português do fim do império. Marcado pelo rígido horário da sua passagem a caminho das aulas, esse rosto surgia-lhe — recordava-o —, iluminado pelo castanho dos olhos. À distância daquela marcha quase forçada através do Bairro Alto, para que não chegasse atrasado, via de novo essa tão longínqua figura. Via-a prendendo entre os dedos uma pedra. O colorido era azul, mas deixava-se percorrer por laivos verdes e por estrias carmesim.

Ao seu lado era o amigo quem segurava uma concha exactamente assim: azul e verde e carmesim. Essa mulher carregada de suavidade oriental prendera entre os seus dedos, em tempos passados, um brinco. Era o adereço da sua nudez nas tão distantes horas da manhã. Quisera-a confundir com Laksmi; e não passara de uma criatura mortal. Ela representara o pouco que sabia das terras do Oriente que terminaram no porto de Lisboa. E por ela, por essa presença de suave prostituta, esquecera o comércio das aulas e fez das ruas do Bairro Alto uma estrada caravaneira que o levava ao portos da Síria, ao Golfo Pérsico e ao mar da Eritreia. Durante quase um ano — recordava —, soubera que podia ter, todas as manhãs, a presença desse objecto de arte. De arte da Índia.

O amigo tomava o peso da colorida concha. Via nela um vislumbre da esperança — talvez por causa dos laivos verdes —, e dispunha-se a guardá-la, para depois a depositar na cimalha da lareira entre latas de tabaco e milhentos objectos que não passavam de um monte de lixo, espécie de recordações.

Haviam discutido, mas isso fôra antes de terem atingido a escavada construção do barco, já meio enterrado na areia. A alteração tinha passado. Somente o intenso vento persistia. Uma preguiça e um bem-estar levava a que não pensassem sequer em deixar o abrigo do barco.

— «Qual foi o verdadeiro motivo de tudo isto? Desta discussão?» Perguntou o das mangas arregaçadas.

— «O que te faz desistir assim de repente? De tudo?» Perguntou o que dera rápidos golpes na areia com uma das mãos.

— «Eu não desisti. Não desisti de coisa nenhuma.»

— «Não concordo contigo. Tu acabaste por viver nesta terra como um aranhaço gigante. Ficaste parecido com a base daquele guindaste, além no porto. Está igualmente imóvel e coberto de ferrugem. Antes o sal e o alcatrão queimados pelo sol e que vão desprendendo este rude cheiro no bojo deste velho barco.»

Não houve resposta. O outro parecia ter escapado de uma depressão. Com alívio disse de repente: «Bonita pedra.»

— «Não é uma pedra. É uma concha.» Ouvia na distância, como quem regressou de novo à teimosia daquela marcha inicial, sob o vento e contra o vento. De uma das algibeiras das calças via-se, saindo um pouco, o volume de um romance: *Mademoiselle de Maupin*. Asas, paredes finas, restos de cozinha: a ideia fixa era o seu privilegiado domínio.

Asas: as asas levam sempre a um país longínquo. Isto era o suficiente para se supor de uma intensidade excessiva. Sempre tivera aquele defeito de parecer ter acabado de chegar de fora; e de agir de fora como quem ultrapassa um desastre. Não um simples acidente de carro, mas um desastre mesmo: parte de uma cidade que cai, que fica subterrada sob o seu próprio corpo de ruínas, ou zona costeira que é, literalmente, engolida pelo mar e se desfaz com a força das ondas, para depois poisar, com suavidade, inútil e preservada no fundo de uma enseada.

Não se trata de sonho ou devaneio. Não, ele é mesmo assim e não suporta a progressão do argumento do seu modo de sentir — de se sentir a si e ao mundo. Ele dispõe de um tipo de auto-assistência, de interioridade que se reparte, veloz, sob a sua quietação. E nesse momento quem para ele olhasse de modo atento veria, na sombra dos seus olhos, perpassar a lisura brilhante de uma asa de ave: qualquer coisa que subsiste e que se manifesta de uma maneira quase miraculosa, porque totalmente desligada de qualquer realidade.

As suas faculdades parecem assegurar-lhe um domínio excepcional do mundo, das coisas do mundo e, no entanto, ele permanece cada vez mais fechado na sua timidez; gerando um forte contraste entre a sua palavra e os actos, entre o que diz e o que nos propõe, entre o uso regular que faz de todas as suas capacidades e aquilo que lhe é reconhecido através de um saber que manipula. Parece que escreveu livros. Ele próprio diz «parece que», quando na verdade os escreveu e os escreve, ainda. Sente-se cada vez mais despido do seu fazer, do seu trabalho: tudo se passa como se estivesse investido de nenhuma função, como se coisa alguma o destinasse a um agir.

Diz para si mesmo: «Encontraste na reflexão, na simples forma que conduzes ao pensares a linha do desenho da tua própria mão ou o contorno de uma ave; à expressão da mão ou da ave chamada pato, sem nada saberes da utilidade dessa mão ou da qualidade do pato. Ah! As suas penas verdes como incendeiam o desastre de uma morte triunfante! Disso, dessa competência particular — a morte —, em função da qual se vive e se estabelece, a cada momento, um novo ideal de vida.»

O pato, a ave que o contém; as mãos que podem prender as asas do pato e conduzi-lo sob um só traço ao favor triunfante da morte. Restam sempre outras vidas, outras vias de ave: outras mãos nos seus múltiplos dedos. Nem dessa morte se permite o favor do triunfo.

Mas o amigo, esse era verdadeiramente outro. Capaz de defesas e de agressões; capaz de ficar, dormente, no seio da família, confundindo-se com os quartos da casa, com o corpo da mulher, com o crescente e complexo desenvolvimento dos filhos.

Não se importava, depois, com as opiniões de ninguém. Não media os riscos, de pronto que sempre estava para abandonar, em qualquer momento, aquilo que a partir de si formava um casulo; ele era a própria teia, fio finíssimo e tecido ao redor da mulher e dos filhos e da casa. Casulo que num repente se desenrola, para se dispor à volta de qualquer coisa mais vasta do que a casa, os filhos, a mulher, os objectos de conforto que formavam a casa e que, num instante, o lançavam para a maior distância que a totalidade do fio do casulo, desenrolado, possibilitava.